

Textos em círculo

Filomena Viegas

Apresentação

Nome da sequência: Textos em círculo

Contexto: estratégias para trabalhar a coesão e a coerência textual em textos narrativos

Anos de escolaridade: 4.º, 6.º e 9.º anos

Duração estimada: 130 minutos (90 min. + 45min.)

Domínio: Oralidade

Competências: Compreensão do oral; Expressão oral; Leitura, CEL/Gramática;

Resultados esperados no final da sequência: explicitar aspetos de (in)coerência textual em textos narrativos, quer a nível microestrutural, quer a nível macroestrutural

Roteiro

Atividade 1: Escutar o texto

Competência: *Compreensão do oral*

Descritores de desempenho: *Identificar ideias-chave de um texto ouvido.* (MC, 4.ºano); *Utilizar técnicas para registar, tratar e reter a informação; articular a informação retida com conhecimentos prévios* (PPEB, 1.º ciclo); *Tomar notas e registar tópicos* (MC, 6.ºano); *Indicar o essencial da informação ouvida* (PPEB, 2.º ciclo); *Consolidar processos de registo de informação* (MC, 9.ºano); *Interpretar discursos orais, [identificando] o assunto, tema ou tópico* (PPEB, 3.º ciclo).

Conteúdos associados: *Ideia principal* (PPEB, 1.º ciclo); *Ouvinte; discurso* (PPEB, 2.º e 3.º ciclos)

Atividade 2: Recontar a história

Competência: *Expressão oral*

Descritores de desempenho: *Retomar o assunto, acrescentar informação pertinente, precisar ou resumir ideias* (MC, 4.ºano); *Produzir discursos [com a] finalidade de recontar, contar* (PPEB, 1.º ciclo); *Relatar o essencial de uma história ouvida; produzir textos orais [combinando] com coerência uma sequência de enunciados* (PPEB, 2.º ciclo); *Produzir textos orais [com a] finalidade de relatar/recontar; Implicar-se na construção partilhada de sentidos, retomar, resumir ideias* (PPEB, 3.º ciclo).

Conteúdos associados: *Relato, Reconto, Narrativa* (PPEB, 1.º ciclo); *Texto oral - sequência de enunciados, progressão temática* (PPEB, 2.º ciclo); *Texto narrativo- sequência de enunciados, progressão temática; coesão; coerência* (PPEB, 3.º ciclo)

Atividade 3: Ler e interpretar frases

Competências: *Leitura e Conhecimento explícito da língua/Gramática*

Descritores de desempenho: *distinguir Identificar informação implícita* (MC, 4.ºano); *Fazer deduções e inferências* (MC, 6.ºano), *Captar sentidos implícitos* (PPEB, 2.º e 3.º ciclos)

Conteúdos associados: *Texto oral e texto escrito* (PPEB, 1.º ciclo); *processos interpretativos inferenciais* (PPEB, 2.º ciclo); *progressão temática, macroestruturas textuais/microestruturas textuais*

Conhecimentos prévios (Atividades 1, 2 e 3):

Os alunos são capazes de prestar atenção ao que ouvem, identificando e interpretando informação essencial, (4.º ano); são capazes de hierarquizar a informação, recebida e articulam-na com conhecimentos prévios, identificam informação implícita (6.º ano); produzem textos orais, combinando com coesão e coerência uma sequência de enunciados, são capazes de apreciar valores estéticos, éticos, culturais, presentes nos (9.º ano).

A configuração de um campo de referências (ou *campo temático*) integrado e o recorte de um rumo discursivo consistente [...] constituem uma dimensão central da noção de coerência do Texto. Outras dimensões se lhe juntam, porém, e não raro é a elas que quase exclusivamente se faz referência na caracterização daquela mesma noção. Dizem elas respeito à exigência de *não tautologia*, de *não contradição* e de *relevância* entre o comunicado em sucessivos enunciados e entre o comunicado em sucessivas sequências de enunciados (cada uma delas correspondente a uma macroestrutura) do Texto.[...]

O Texto apresentar-se-á coerente tanto ao *nível local* (ou *microestrutural*) como ao *nível global* (ou *macroestrutural*).

In Fonseca, J. (1993). *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*. Porto: Porto Ed., pp. 182-183.

A atividade “Textos em círculo” pode ser desenvolvida em diferentes contextos didáticos. Por exemplo, pode ser utilizada com o objetivo de desenvolver a atenção, a capacidade de escuta, a competência narrativa.

A estratégia mais proveitosa para a dinâmica do grupo será aquela em que se opte pela disposição dos participantes em círculo, ou retângulo, onde todos se possam observar e participar com estatuto igual.

In, Grupo de de Comunicação e Teatro, Núcleo de Português, DGEB-ME, 1982.



em círculo

Como uma pedra que atravessa a água, a palavra lança o texto em círculos concêntricos. Os círculos ondulam pela superfície da água, os textos alastram nos sulcos da memória.

Guião para o professor

Nas três atividades que compõem esta sequência didática são proporcionadas aos alunos situações de aprendizagem, onde se procura que exercitem a sua capacidade de escuta (Atividade 1), aprendam a recontar uma história (Atividade 2) e desenvolvam a capacidade de interpretar frases contextualizadas por essa história, em aspetos que diretamente se ligam à coesão e coerência textuais (Atividade 3). No final das três atividades, os alunos deverão identificar o que aprenderam.

Na apresentação da sequência didática, o professor indica aos alunos os objetivos das atividades. À semelhança das atividades da sequência *Autorretratos*, apresenta-as como jogos ou exercícios nos quais terão de ser rigorosamente cumpridas as regras.

Atividades

Atividade 1: Escutar o texto

O objetivo é que os alunos relacionem a informação ouvida, um texto extraído de uma narrativa, com o seu conhecimento prévio, a narrativa completa que já tiveram oportunidade de ouvir ou de ler. Ao relacionarem o texto que estão a ouvir com a história conhecida, ativam a atenção seletiva e a memória a longo prazo¹.

O professor dá as instruções da atividade: (1) sentados em círculo, fecham os olhos e ouvem o texto que vai ser lido; (2) registam depois numa folha a resposta a duas questões: (a) Quem narra o excerto (quem conta o bocadinho) da história que ouviram? (b) Qual é o assunto principal do texto que ouviram?

As respostas a estas duas questões preparam o reconto da história completa, no qual os alunos terão de situar na globalidade da história a sequência narrativa que escutaram.

Atividade 2: Integrar o excerto lido na narrativa completa. Recontar a história.

Nesta atividade os alunos deverão recontar a história completa, retomando a informação de modo a serem capazes de se substituir, enquanto narradores em 3.ª pessoa, ao autor da narrativa.

Respeitando a sua ordem no círculo, cada aluno conta uma sequência da história, onde será integrada a parte que corresponde ao texto lido pelo professor. Todos devem procurar resumir a informação acessória, escolher a informação essencial e combinar com coerência as sequências de enunciados. Se um aluno tiver muita dificuldade em contar a sua sequência da história, poderá mimá-la, não quebrando assim a narrativa que está a ser contada em círculo.

Atividade 3: Ler e interpretar frases

O objetivo desta atividade é explicitar aspetos que tornam uma frase coerente ou incoerente. Os alunos escutam de novo o texto da atividade 1. Em seguida, tendo em conta o texto e a história a que o texto pertence, leem e identificam, num conjunto de frases, as que fazem sentido (são coerentes) e as que não fazem sentido (são incoerentes). Finalmente, interpretam-nas a nível microestrutural, no plano local do texto ouvido, e a nível macroestrutural, no plano global da história a que o texto pertence, estabelecendo relações lógicas entre os dois planos.

¹ Cf o texto “Saber para... aprender e ensinar a ler” (Vitória de Sousa) do módulo da Leitura.

Textos para escutar e frases para interpretar

4.º ano/5.º ano

ATIVIDADE 1 – Escutar o texto

“Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha”, disse o Príncipe, «não queres ficar comigo por uma noite e ser a minha mensageira? O menino tem tanta sede e a mãe está tão triste!»

«Eu acho que não gosto de meninos», respondeu a Andorinha. «No Verão passado, quando eu estava ao pé do rio, apareceram dois meninos mal educados, os filhos do moleiro, e passaram a vida a atirar-me pedras. É claro que nunca me acertaram; nós, as andorinhas, voamos muito bem para permitir que isso aconteça e, além disso, eu pertenço a uma família famosa pela sua agilidade; mesmo assim, foi um sinal de desrespeito.»

Mas o Príncipe Feliz estava tão triste que a Andorinha teve pena dele. «Aqui está muito frio», disse ela; «mas eu vou ficar contigo por uma noite, e ser a tua mensageira.»

«Obrigado, pequena Andorinha», disse o Príncipe.

E assim, a Andorinha tirou o enorme rubi da espada do Príncipe e voou com ele no bico por cima dos telhados da cidade.

Oscar Wilde, “O Príncipe Feliz”, In *As melhores histórias de Oscar Wilde*, Ed. Ambar, 2002, p.45.

ATIVIDADE 2- Integrar o excerto lido na narrativa completa. Recontar a história.

ATIVIDADE 3- Ler e interpretar frases

EXEMPLO DE INSTRUÇÕES PARA OS ALUNOS

3.1 Ouviste duas vezes o texto extraído da história “O Príncipe Feliz”, realiza agora as tarefas.

- Lê as 9 frases a seguir.
- Identifica as frases que fazem sentido no texto e na história e as que não fazem sentido, em relação ao texto, à história ou à realidade que conhecemos, **isto é, vais identificar as frases que são coerentes com o texto e com a história e as que não são coerentes (são incoerentes).**
- Segue o exemplo e preenche a tabela com os números das frases.

Frases:

- A Andorinha aceitou ser a mensageira do Príncipe Feliz.
- As andorinhas são aves de migração, por isso nunca saem do mesmo sítio.
- O Príncipe Feliz era feliz porque na sua cidade toda a gente vivia contente.
- Os filhos do moleiro acertaram com pedras na Andorinha.
- A mãe do menino doente recebeu um presente do Príncipe Feliz.
- A Andorinha voou e juntou-se ao seu bando no Egito.
- A avezinha voava muito, subia para cima e descia para baixo.
- Havia um grande rubi na espada da estátua do Príncipe Feliz.
- O Príncipe Feliz e a Andorinha ficaram juntos para sempre no Paraíso.

Frases coerentes com o texto e com a história	Frases incoerentes em relação ao texto, à história ou à nossa realidade
Números: 1; 5; 8; 9	Números: 2; 3; 4; 6; 7

3.2 Vamos ver se compreendeste bem as tarefas anteriores.

(a) Sublinha as duas frases que interpretaste com mais facilidade.

(b) [Tarefas orais]

- Compara as frases que sublinhaste com as frases sublinhadas pelos teus colegas.
- São as mesmas?
- O que foi mais fácil de interpretar para ti?
- O que foi mais fácil de interpretar para os teus colegas?

(c) Regista uma conclusão a que todos tenham chegado.

3.3 Lê as informações em **A**, **B** e **C** e pensa no modo como interpretaste as 9 frases em 3.1 e em 3.2. Segue o exemplo e preenche depois as três colunas da tabela com os números das frases.

A	B	C
«Bastou-me a parte do texto que ouvi.»	«Precisei de pensar na história toda.»	«É conhecimento que eu tenho.»
Números: 1; 4; 8.	Números: 3; 5; 6; 9.	Números: 2; 7.

3.4 Vamos voltar a refletir sobre a interpretação das 9 frases.

- (a) Escreve os números das duas frases mais difíceis de interpretar. _____
- (b) Em que colunas se encontram? _____
- (c) Compara os teus resultados com os dos teus colegas.
- (d) Coloca uma X na coluna onde houve mais respostas da turma.

A	B	C
Basta o texto ouvido para interpretarmos as frases.	Temos de pensar na história toda para interpretarmos as frases.	Não precisamos de pensar no texto ouvido ou na história toda para interpretarmos as frases.

(e) Regista uma conclusão a que todos tenham chegado.

4. Escreve uma frase sobre o aprendeste em cada uma das atividades.

O que aprendi:	
Atividade 1	
Atividade 2	
Atividade 3	

Variante 1

ATIVIDADE 1 – Escutar o texto

- Onde está a mãe? – pergunto à minha avó.
 - Foi a casa da Rita, acho que não demora. A gente não pensava que tu vinhas tão cedo. Devem ter saído de lá de madrugada, com certeza.
 - Não foi tão cedinho como o pai gosta, mas despachámos a desmontagem daquilo num rápido.
- Começo a contar todas as nossas aventuras à minha avó, que pelo meio ia desfiando também o boletim de notícias lá de casa e arredores. Os rapazes do 3.º frente tinham despejado um tinteiro de tinta azul em cima da roupa estendida na corda da nossa janela. O 38 tinha mudado de trajeto e já não parava à nossa porta. O supermercado estava em greve. O *Zarolho* parecia adoentado com umas pintas esbranquiçadas pelo corpo. Ia começar novo folhetim na rádio. O Sr. Guerreiro consertara o esquentador avariado. Era como se um fim de semana se tivesse transformado, de repente, em meses e meses de separação, e tudo se tivesse conjugado para acontecer durante esse tempo. Estava mesmo à espera que a uma qualquer altura da conversa a minha avó interrompesse as notícias, olhasse para mim e exclamasse: «Como tu crescestes nestes dias!»

Alice Vieira, *Chocolate à chuva*, Cap. 13, p. 66 (texto com supressões)

ATIVIDADE 2- Integrar o excerto lido na narrativa completa. Recontar toda a sequência do campismo com a turma.

ATIVIDADE 3- Ler e interpretar frases

INSTRUÇÕES PARA OS ALUNOS

(Adaptar o exemplo de instruções apresentadas para o 4.º ano)

Frases:

1. Mariana acampou durante um fim de semana.
2. A avó Lídia ficou surpreendida com a hora de chegada da neta.
3. Ao regressar a casa, Mariana não encontrou a mãe.
4. O rápido é um comboio que anda a grande velocidade.
5. O autocarro 38 deixou de passar à porta de Mariana.
6. O cão Zarolho não via do olho direito.
7. Mariana ficou vários meses afastada da família.
8. O esquentador da casa esteve avariado.
9. A avó de Mariana ouvia rádio.
10. Ao fim de semana, as crianças crescem mais.

3.1 Frases coerentes com o texto e com a história e frases incoerentes

Frases coerentes com o texto e com a história	Frases incoerentes em relação ao texto, à história ou à realidade
Números: 1; 3; 5; 8; 9.	Números: 2; 4; 6; 7;10.

3.2 Interpretação das frases coerentes e incoerentes

«Bastou-me a parte do texto que ouvi.»	«Precisei de pensar nos capítulos lidos.»	«Depende do conhecimento que eu tenho da realidade.»
Números:	Números:	Números:

3; 5; 8; 9.	1; 2; 6; 7.	4; 10.
-------------	-------------	--------

Variante 2

ATIVIDADE 1 – Escutar o texto

A chuva escorre um pouco pelo nosso cabelo, pelo saco de plástico, em pequeninas gotas transparentes e frias. Esta chuva tranquila de Verão, que não cheira a «golden day», nem a «green flower», nem a «morning star», mas apenas a terra fresca aos nossos pés. Estendo à Rita o meu chocolate já meio comido:

–Toma. Dá uma trincadela, que isto aquece.

Caminhámos devagar até casa, o chocolate terminado mesmo à entrada da porta. Sacudimos as gotas de chuva do cabelo. Mesmo assim a minha avó começou logo a prever milhentas catástrofes mal nos viu entrar:

– Com esta chuva e vocês nem ao menos uma sombrinha levaram! É gripe certa, vão ver! Ao menos bebam alguma coisa quente.

A Rita tentou acalmá-la e mandar para bem longe os seus agoiros:

–Isto é chuva que não molha ninguém, até faz crescer o cabelo. E nós somos fortes, não há nada que entre connosco!

Passei o meu braço pelos ombros da Rita, sorrindo para ela:

– Nós aguentamos tudo – disse eu.

–Tudo – repetiu ela.

Alice Vieira, *Chocolate à chuva*, Cap. 34, pp 190-191

ATIVIDADE 2- Integrar o excerto lido na narrativa completa.

ATIVIDADE 3- Ler e interpretar frases

Frases:

1. A tradução de «green flower» é a tradução de “flor verde”.
2. Mariana e Rita comeram delicias do chocolate.
3. As duas amigas vão juntas a Espanha.
4. Mariana só gosta de comer chocolates quando se sente muito feliz.
5. O pai da Rita saiu de casa, foi para Espanha e nunca mais voltou.
6. A chuva de Verão não molha ninguém.
7. A avó Elisa ficou preocupada ao ver as duas amigas molhadas.
8. Mariana e Rita terminaram o chocolate em casa.
9. A sombrinha de Mariana ficou a escorrer na entrada da casa.
10. A amizade entre a Rita e a Mariana enche-as de confiança.

3.1 Frases coerentes com o texto e com a história e frases incoerentes

Frases coerentes com o texto e com a história	Frases incoerentes em relação ao texto, à história ou à realidade
Números: 2; 3; 7; 10.	Números: 1; 4; 5; 6; 8; 9.

3.2 Interpretação das frases coerentes e incoerentes

«Bastou-me a parte do texto que ouvi.»	«Precisei de pensar na história toda»	«Depende do conhecimento que eu tenho da realidade.»
Números: 2; 7; 8; 9.	Números: 3; 4; 5; 6;10	Números: 1; 6.

ATIVIDADE 1 – Escutar o texto

Uma noite, noite de silêncio e de escuridão, indo ela [a aia] a adormecer, já despida, no seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, à entrada dos vergéis reais. Embrulhada à pressa num pano, atirando os cabelos para trás, escutou ansiosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente, sobre lajes, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos de armas... Num relance tudo compreendeu – o palácio surpreendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu príncipe! Então, rapidamente, sem uma vacilação, uma dúvida, arrebatou o príncipe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga – e tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real, que cobriu com um brocado.

Eça de Queirós, “A Aia”, In *Contos*, Livros do Brasil, pp. 159-160

ATIVIDADE 2- Integrar o excerto lido na narrativa completa. Recontar a história.

ATIVIDADE 3- Ler e interpretar frases

INSTRUÇÕES PARA OS ALUNOS

(Adaptar o exemplo de instruções apresentadas para o 4.º ano)

Frases:

1. A ama estava deitada entre o príncipe e o seu filho.
2. Um dos guardas não adormeceu, porque não tinha adormecido.
3. Os rebeldes arrombaram violentamente as portas do palácio para entrar na câmara do príncipe.
4. A rainha, apavorada, fugiu da horda de assaltantes.
5. Numa das galerias, alguém foi silenciosamente abatido.
6. Nesse dia, o rei tinha saído para uma caçada com os seus companheiros.
7. As noites de silêncio são sempre muito escuras.
8. A serva sacrificou o seu filho para salvar o príncipe.
9. O irmão bastardo do rei perdeu a vida ao fugir do palácio.
10. A escrava não era feliz na sua servidão ao rei.
11. A aia acreditava que havia outra vida para além da morte.

3.1 Frases coerentes com o texto e com a história e frases incoerentes

Frases coerentes com o texto e com a história	Frases incoerentes em relação ao texto, à história ou à realidade
Números: 1;5;8; 9; 11.	Números: 2; 3; 4; 6; 7; 10.

3.2 Interpretação das frases coerentes e incoerentes

A nível local do texto ouvido	A nível global da história	Dependente do conhecimento do mundo

Números: 1; 3; 5; 8.	Números: 4; 5; 6; 9; 10; 11	Números: 2; 7.
-------------------------	--------------------------------	-------------------

ANEXO

O Príncipe Feliz

[Na versão que a seguir se apresenta deste texto estão assinaladas as supressões propostas a cinzento]



Lá ao cimo da cidade, numa coluna muito alta, estava a estátua do Príncipe Feliz. Estava coberto com finas folhas de ouro maciço, tinha duas brilhantes safiras como olhos e um enorme rubi vermelho brilhava no cabo da sua espada.

Era realmente muito admirado. «Ele é tão bonito como um catavento», comentou um dos Conselheiros da Cidade que queria ganhar reputação por ter gostos artísticos; «Só que não é tão útil», acrescentou, temendo que pensassem que ele não era uma pessoa prática, e realmente não era.

«Porque é que tu não és como o Príncipe Feliz?» perguntou uma mãe sensível ao seu filhinho que estava a chorar pela lua. «O Príncipe Feliz nem sequer sonha em chorar por alguma coisa».

«Fico contente por saber que há alguém no mundo que é muito feliz», murmurou um homem desapontado, enquanto admirava a maravilhosa estátua.

«Ele parece mesmo um anjo!» disseram as Crianças da Caridade ao saírem da catedral, em suas capas de escarlate brilhante e em seus aventais muito brancos.

«Como é que sabem?» perguntou o Professor de Matemática, «vocês nunca viram um anjo.»

«Ah! já vimos, nos nossos sonhos», responderam as crianças. O Professor de Matemática franziu as sobrancelhas e olhou-os severamente, pois não aprovava sonhos de crianças.

Uma noite, voou sobre a cidade uma pequena Andorinha. As suas companheiras tinham voado para longe, para o Egipto, seis semanas antes, mas ela tinha ficado para trás, pois estava apaixonada por uma linda Cana. Tinham-se conhecido no início da Primavera, quando a Andorinha voava rio abaixo, atrás de uma mariposa amarela e, sentiu-se tão atraída pela cintura estreita da Cana que parou para falar com ela.

«Irei amar-te?» disse a Andorinha que gostava de ir direta ao assunto, e a Cana fez-lhe uma vénia. E assim, ela voou à sua volta, tocando a água com as asas e fazendo ondulações prateadas. Esta era a sua forma de fazer a corte e durou todo o Verão.

«É uma ligação ridícula», riam-se, trocistas, as outras Andorinhas, «ela não tem dinheiro e conhece gente a mais»; e realmente o rio estava cheio de Juncos. Depois veio o Outono e elas voaram para longe.

Depois de elas partirem, a Andorinha sentiu-se sozinha, e começou a cansar-se da sua amada. «Ela não sabe conversar», disse a Andorinha, «e acho que é muito namoradeira pois está sempre a namoriscar com o vento.» Realmente, quando o vento soprava, a Cana fazia os mais

graciosos movimentos. «Eu aceito que ela seja doméstica», continuou, «mas eu gosto de viajar, e a minha mulher também terá de gostar.»

«Vens comigo para longe daqui?» perguntou um dia à Cana; mas a Cana abanou a cabeça, pois estava muito ligada à sua casa.

«Tu tens estado a brincar comigo», gritou ela, «eu vou-me embora para as Pirâmides. Adeus!» e foi-se embora.

Vooou durante todo o dia e à noite chegou a uma cidade. «Onde é que eu me vou hospedar?» disse ela; «espero que a cidade tenha feito os preparativos necessários». Depois, viu a estátua ao alto da enorme coluna. «Vou hospedar-me ali», gritou ela, «é um ótimo lugar, com muito ar fresco».

E assim, pousou entre os pés do Príncipe Feliz.

«Tenho um quarto de ouro», disse ela para consigo, enquanto olhava em volta e se preparava para dormir; mas quando estava a pôr a cabeça debaixo da asa, uma gota de água enorme caiu-lhe em cima. «Que coisa curiosa!» gritou ela, «não há uma só nuvem no céu, as estrelas estão muito claras e brilhantes e, no entanto, está a chover. O clima do norte da Europa é realmente horrível. A Cana costumava gostar de chuva mas era só por puro egoísmo.»

E então caiu outra gota.

«Para que serve uma estátua se não consegue abrigar-me da chuva?» disse ela; «tenho de procurar uma boa chaminé», e decidiu ir embora.

Mas ainda não tinha aberto as asas quando uma terceira gota caiu e ela olhou para cima e viu – Ah! O que é que ela viu?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas e as lágrimas caíam pelas suas faces douradas. A sua cara era tão linda, à luz da lua, que a pequena Andorinha ficou cheia de pena.

«Quem és tu?» disse ela.

«Eu sou o Príncipe Feliz.»

«Mas então porque estás a chorar?» perguntou a Andorinha, «molhaste-me toda.»

«Quando eu era vivo e tinha um coração humano», respondeu a estátua, «não sabia o que eram lágrimas, pois vivia no palácio Sem-Cuidados, onde não é permitida a entrada da tristeza. De dia eu brincava com os meus amigos no jardim, e à noite abria o baile no salão. À volta do jardim havia um muro muito alto mas eu nunca me preocupei em perguntar o que estava do outro lado, pois tudo à minha volta era muito bonito. Os meus cortesãos chamavam-me o Príncipe Feliz e realmente, se o prazer é felicidade, eu era feliz. E assim vivi, e assim morri. E agora que estou morto, eles puseram-me aqui em cima, tão alto que consigo ver todas as coisas feias e toda a miséria da minha cidade, e apesar do meu coração ser feito de chumbo, não consigo deixar de chorar.»

«Então não é feito de ouro maciço?» disse a Andorinha para consigo. Ela era muito educada para fazer comentários pessoais em voz alta.

«Lá longe», continuou a estátua em voz baixa e melodiosa, «lá, longe, numa rua pequena, há uma casa pobre. Uma das janelas está aberta e através dela eu posso ver uma mulher sentada à mesa. Ela tem um rosto magro e fatigado, e tem as mãos rudes e vermelhas, todas picadas da agulha, pois é costureira. Ela está a bordar flores de paixão num vestido de cetim para a mais bela das damas de honor da Rainha vestir no próximo baile da Corte. Numa cama, ao canto do quarto, o seu filhinho está deitado, doente. Ele tem febre e está a pedir laranjas. A mãe não tem nada para lhe dar, a não ser água do rio e, por isso, ele está a chorar. Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, levá-lhe por favor, o rubi do cabo da minha espada? Os meus pés estão presos a este pedestal e eu não me posso mexer».

«Estão à minha espera no Egipto», disse a Andorinha. «Os meus amigos sobem e descem o Nilo e falam com as enormes flores de lótus. Daqui a pouco irão dormir no túmulo do Grande Rei. O Rei está lá no seu caixão pintado. Está envolto em linho amarelo e embalsamado com especiarias. À volta do seu pescoço está uma corrente de pálido jade verde e as suas mãos são como folhas secas.»

«Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «não queres ficar comigo por uma noite e ser a minha mensageira? O menino tem tanta sede e a mãe está tão triste!»

«Eu acho que não gosto de meninos», respondeu a Andorinha. «No Verão passado, quando eu estava ao pé do rio, apareceram dois meninos mal-educados, os filhos do moleiro, e passaram a vida a atirar-me pedras. É claro que nunca me acertaram; nós, as andorinhas, voamos muito bem

para permitir que isso aconteça e, além disso, eu pertença a uma família famosa pela sua agilidade; mesmo assim, foi um sinal de desrespeito.»

Mas o Príncipe Feliz estava tão triste que a Andorinha teve pena dele. «Aqui está muito frio», disse ela; «mas eu vou ficar contigo por uma noite, e ser a tua mensageira.»

«Obrigado, pequena Andorinha», disse o Príncipe. E assim, a Andorinha tirou o enorme rubi da espada do Príncipe e voou com ele no bico por cima dos telhados da cidade.

Passou pela torre da catedral, onde estavam esculpidos anjos de mármore branco. Passou pelo palácio e ouviu o som do baile. Uma bonita rapariga veio à varanda com o seu amado. Como são bonitas as estrelas», disse-lhe ele, «e que bonito é o poder do amor!» «Eu espero que o meu vestido esteja pronto para o baile da Corte», respondeu ela; «eu mandei bordar flores de paixão, mas as costureiras são tão preguiçosas.» Passou pelo rio e viu as lanternas penduradas nos mastros dos navios. Passou pelo Bairro pobre e viu os Judeus velhos a regatearem uns com os outros e a pesar dinheiro em balanças de cobre. Finalmente, chegou à casa pobre e espreitou. O menino tossia febril na sua cama e a mãe tinha adormecido, pois estava muito cansada. Saltou lá para dentro e pousou o enorme rubi na mesa, ao lado do dedal da mulher. Depois voou devagar à volta da cama, provocando uma certa aragem com as asas para refrescar a fronte do menino.

«Que fresquinho», disse o menino, «devo estar a melhorar»; e caiu num sono delicioso.

Depois a Andorinha voou de volta para o Príncipe Feliz e contou-lhe o que tinha feito. «É curioso», notou ela, «sinto-me tão bem, agora, apesar de estar tanto frio.»

«Isso é porque fizeste uma boa ação», disse o Príncipe. E a pequena Andorinha começou a pensar e depois adormeceu. Pensar dava-lhe sempre sono. Quando o dia amanheceu, ela voou até ao rio e tomou um banho. «Que fenómeno espantoso», disse o Professor de Ornitologia, quando passou pela ponte. «Uma andorinha no Inverno!» E escreveu uma longa carta sobre isso para o jornal local. Toda a gente falou nele, pois estava tão cheio de palavras estranhas que ninguém percebeu nada.

«Esta noite vou para o Egipto», disse a Andorinha, e ficou satisfeita com tal ideia. Visitou todos os monumentos públicos e pousou, durante um bocado, no topo da torre da igreja. Onde quer que ela fosse, os Pardais chilreavam e diziam uns aos outros: «Que estranho tão distinto!» E por isso a Andorinha estava muito satisfeita consigo própria.

Quando a lua apareceu, ela voou para o Príncipe Feliz. «Tens alguma mensagem para o Egipto?» gritou ela; «eu vou agora mesmo.»

«Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «não queres ficar comigo só mais uma noite?»

«Estão à minha espera no Egipto», respondeu a Andorinha. «Amanhã os meus amigos voarão para a Segunda Catarata. Os hipopótamos escondem-se entre os juncos e o Deus Memnon está sentado num magnífico trono de granito. Ele observa as estrelas durante a noite e quando a estrela da manhã brilha, solta um grito de alegria e depois fica silencioso. Ao meio-dia, os leões amarelos descem até à beira da água para beberem. Eles têm olhos como o berilo verde e o seu rugir é mais alto do que o rugir da Catarata.»

«Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «lá longe, do outro lado da cidade, eu vejo um jovem num sótão. Ele está inclinado sobre uma secretária coberta de papéis e, a seu lado, num copo, está um ramo de violetas mortas. O seu cabelo é castanho e encaracolado, os seus lábios são vermelhos como uma romã, e ele tem olhos grandes e sonhadores. Está a tentar acabar uma peça para o Diretor do Teatro, mas está com muito frio e não consegue escrever mais. Não há chama na lareira e a fome deixou-o enfraquecido.»

«Eu ficarei contigo só mais esta noite», disse a Andorinha, que no fundo tinha um bom coração. «Levo-lhe outro rubi?»

«Ai! Eu não tenho mais rubis», disse o Príncipe, «só tenho os meus olhos. São safiras raras, trazidas da Índia há cem anos. Tira uma delas e leva-a. Ele vendê-la-á ao joalheiro e comprará comida e lenha para a lareira, e acabará a peça.»

«Querido Príncipe», disse a Andorinha, «eu não posso fazer isso»; e começou a chorar.

«Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «faz o que eu te digo.»

Então a Andorinha tirou um dos olhos do Príncipe e voou até ao sótão do estudante. Era muito fácil entrar, pois tinha um buraco no telhado. Passou através dele e entrou no quarto. O jovem

tinha a cabeça enterrada nas mãos e por isso não ouviu o esvoaçar das asas do pássaro, e quando olhou para cima encontrou a linda safira nas violetas mortas.

«Começam a dar-me valor», gritou ele; «isto é de algum grande admirador. Agora posso acabar a minha peça», e ficou muito feliz.

No dia seguinte, a Andorinha voou até ao porto. Sentou-se num mastro de um navio enorme e observou os marinheiros puxando grandes caixas com cordas, do porão. «Puxem para cima!» gritavam uns para os outros quando as caixas subiam. «Eu vou para o Egipto!» gritou a Andorinha, mas ninguém lhe prestou atenção, e quando a lua apareceu voou de volta para o Príncipe Feliz.

«Vim para te dizer adeus», disse ela.

«Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «Não queres ficar comigo só mais uma noite?»

«É Inverno», respondeu a Andorinha, «e a fria neve não tarda a chegar. No Egipto, o Sol é quente nas palmeiras verdes e os crocodilos ficam na lama a olhar preguiçosamente à sua volta. Os meus companheiros constroem os ninhos no Templo da Baalbec, e os pombos cor-de-rosa e brancos observam-nos e arrulham uns para os outros. Querido Príncipe, eu tenho de te deixar, mas nunca te esquecerei, e na próxima Primavera trago-te duas lindas joias para o lugar daquelas que tu deste. O rubi será mais vermelho do que uma rosa vermelha, e a safira mais azul do que o magnífico mar.»

«Na praça, lá em baixo», disse o Príncipe Feliz, «está uma rapariguinha que vende fósforos. Ela deixou-os cair na sarjeta e eles estão todos estragados. O pai dela vai bater-lhe se ela não levar dinheiro para casa e ela está a chorar. Ela não tem sapatos, nem meias e a sua cabecita não tem nenhum agasalho. Tira o meu outro olho e vai dar-lho e, assim, o pai já não lhe baterá.»

«Eu ficarei contigo só mais esta noite», disse a Andorinha, «mas não posso tirar-te o teu olho. Assim, ficarás cego.»

«Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «faz o que eu te digo.»

E assim, ela tirou o outro olho do Príncipe e partiu com ele. Desceu rapidamente e passou pela menina dos fósforos e deixou a joia na palma da sua mão.

«Que lindo bocadinho de vidro», gritou a menina; e correu para casa, rindo.

Depois a Andorinha voltou para o Príncipe. «Agora tu estás cego», disse ela, «por isso ficarei contigo para sempre.»

«Não, pequena Andorinha», disse o pobre Príncipe, «tu tens de ir para o Egipto.»

«Eu ficarei contigo para sempre», disse a Andorinha, e dormiu aos pés do Príncipe.

No dia seguinte, sentou-se no ombro do Príncipe todo o dia e contou-lhe histórias do que tinha visto em terras distantes. Falou-lhes das íbis, as aves que passam o tempo em longas filas nas margens do Nilo, e apanham peixe dourado com o bico; da Esfinge que é tão antiga como o mundo, vive no deserto e sabe tudo; falou-lhe dos mercadores que andam devagar ao lado dos seus camelos e levam contas de âmbar nas mãos; falou-lhe do Rei das Montanhas da Lua, que é negro como o ébano e adora um enorme cristal; falou-lhe de uma enorme cobra verde que dorme nas palmeiras e que tem vinte padres a alimentá-la com bolinhos de mel; e dos pigmeus que viajam em folhas, num grande lago, e estão sempre em guerra com as borboletas.

«Querida pequena Andorinha», disse o Príncipe, «tu falas-me de coisas de espantar, mas mais espantoso do que tudo isso é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há Mistério maior do que a Miséria. Pequena Andorinha, voa pela minha cidade, e conta-me o que vês.»

E assim, a Andorinha voou pela grande cidade e viu os ricos a divertirem-se nas suas lindas casas, enquanto os pedintes estavam sentados aos portões. Voou por becos e viu as caras pálidas das crianças que, cheias de fome, olhavam com indiferença para as ruas negras. Debaixo de um arco de ponte, estavam dois rapazinhos deitados, um nos braços do outro, a tentarem manter-se quentes. «Que fome que nós temos!» disseram eles. «Vocês não podem ficar aqui», berrou o Guarda Noturno e lá foram eles para a chuva.

Então, a Andorinha voou de volta e contou ao Príncipe o que tinha visto.

«Eu estou coberto de ouro maciço», disse o Príncipe, «tira-o, folha a folha, e dá-o aos meus pobres; os vivos acham que o ouro os faz sempre felizes.»

A Andorinha tirou o lindo ouro, folha a folha, até o Príncipe Feliz ficar cinzento e sem graça. Folha a folha, ela levou o ouro aos pobres e as faces das crianças tornaram-se mais rosadas, e elas riam e brincavam nas ruas. «Agora temos pão!» gritavam elas.

Então a neve chegou e depois o gelo. As ruas tão claras e brilhantes pareciam feitas de prata; longos pingentes de gelo que mais pareciam espadas de cristal, pendiam dos beirais das casas; toda a gente vestia casacos de peles e os rapazinhos vestiam capas escarlates e deslizavam no gelo.

A pobre Andorinha foi ficando cada vez com mais frio, mas não abandonou o Príncipe, pois gostava muito dele. Apanhava migalhas à porta do padeiro, quando este não via, e tentava manter-se quente, batendo as asas.

Mas por fim, percebeu que ia morrer. Só tinha forças para voar para o ombro do Príncipe, mais uma vez. «Adeus, querido Príncipe!» murmurou ela, «Deixas-me beijar a tua mão?»

«Fico contente por ires, finalmente, para o Egito», pequena Andorinha», disse o Príncipe. «Já ficaste aqui muito tempo; mas tu deves beijar-me nos lábios, pois eu gosto muito de li.»

«Não é para o Egito que eu vou», disse a Andorinha. «Eu vou para a Casa da Morte. A Morte é a irmã do Sono, não é?»

E beijou o Príncipe nos lábios, e caiu morta aos seus pés.

Nesse momento, ouviu-se um barulho estranho, como se alguma coisa se tivesse partido dentro da estátua. A verdade é que o coração de chumbo tinha-se partido em dois. Estava um frio terrível.

Na manhã seguinte, bem cedo, o Prefeito andava a passear na Praça, na companhia dos Conselheiros da Cidade. Quando passavam pela coluna, ele olhou para a estátua. «Meu Deus! Que maltrapilho está o Príncipe Feliz!» disse ele.

«Realmente!» gritaram os Conselheiros, que concordavam sempre com o Prefeito, e foram para cima para olhar bem para a estátua. «O rubi caiu da espada, os olhos desapareceram, e ele já não é dourado», disse o Prefeito; na verdade, parece um mendigo!»

«Parece um mendigo», disseram os Conselheiros. «E até tem um pássaro morto aos pés!» continuou o Prefeito. «Temos de fazer um decreto para proibir os pássaros de morrer aqui». O secretário tomou nota da sugestão.

E assim, deitaram abaixo a estátua do Príncipe Feliz. «Como deixou de ser bonito, já não tem utilidade», disse o Professor de Arte da Universidade.

Depois, derreteram a estátua num forno, e o Prefeito convocou uma reunião com a Corporação para decidir o que fazer com o metal. «É claro que temos de ter outra estátua», disse, «e será uma estátua minha.» «Minha», disseram cada um dos Conselheiros da Cidade, e começaram a discutir. A última vez que eu ouvi falar deles, ainda estavam a discutir.

«Que coisa estranha!», disse o capataz dos trabalhadores da fundição. «Este coração de chumbo, partido, não derrete no forno. Vamos deitá-lo fora.» E, por isso, deitaram-no num monte de lixo onde já estava a Andorinha morta.

«Traz-me as duas coisas mais preciosas da cidade», disse Deus a um dos seus Anjos; e o Anjo levou-lhe o coração de chumbo e o pássaro morto.

«Escolheste bem», disse Deus, «pois no meu jardim do Paraíso, este pássaro cantará para sempre, e na minha cidade de ouro o Príncipe Feliz far-me-á companhia.»

Oscar Wilde, “O Príncipe Feliz”, In *As melhores histórias de Oscar Wilde*, Ed. Ambar, 2002.

O Príncipe Feliz

[Texto com supressões]



Lá ao cimo da cidade, numa coluna muito alta, estava a estátua do Príncipe Feliz. Estava coberto com finas folhas de ouro maciço, tinha duas brilhantes safiras como olhos e um enorme rubi vermelho brilhava no cabo da sua espada.

Era realmente muito admirado. «Ele é tão bonito como um catavento», comentou um dos Conselheiros da Cidade que queria ganhar reputação por ter gostos artísticos; «Só que não é tão útil», acrescentou, temendo que pensassem que ele não era uma pessoa prática, e realmente não era. [...]

Uma noite, voou sobre a cidade uma pequena Andorinha. [...]

«Onde é que eu me vou hospedar?» disse ela; «espero que a cidade tenha feito os preparativos necessários». Depois, viu a estátua ao alto da enorme coluna. «Vou hospedar-me ali», gritou ela, «é um ótimo lugar, com muito ar fresco».

E assim, pousou entre os pés do Príncipe Feliz.

«Tenho um quarto de ouro», disse ela para consigo, enquanto olhava em volta e se preparava para dormir; mas quando estava a pôr a cabeça debaixo da asa, uma gota de água enorme caiu-lhe em cima. «Que coisa curiosa!» gritou ela, «não há uma só nuvem no céu, as estrelas estão muito claras e brilhantes e, no entanto, está a chover. O clima do norte da Europa é realmente horrível. [...]

E então caiu outra gota.

«Para que serve uma estátua se não consegue abrigar-me da chuva?» disse ela; «tenho de procurar uma boa chaminé», e decidiu ir embora.

Mas ainda não tinha aberto as asas quando uma terceira gota caiu e ela olhou para cima e viu – Ah! O que é que ela viu?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas e as lágrimas caíam pelas suas faces douradas. A sua cara era tão linda, à luz da lua, que a pequena Andorinha ficou cheia de pena.

«Quem és tu?» disse ela.

«Eu sou o Príncipe Feliz.»

«Mas então porque estás a chorar?» perguntou a Andorinha, «molhaste-me toda.»

«Quando eu era vivo e tinha um coração humano», respondeu a estátua, «não sabia o que eram lágrimas, pois vivia no palácio Sem-Cuidados, onde não é permitida a entrada da tristeza. De dia eu brincava com os meus amigos no jardim, e à noite abria o baile no salão. À volta do jardim havia um muro muito alto mas eu nunca me preocupei em perguntar o que estava do outro lado, pois tudo à minha volta era muito bonito. Os meus cortesãos chamavam-me o Príncipe Feliz e realmente, se o prazer é felicidade, eu era feliz. E assim vivi, e assim morri. E agora que estou morto, eles puseram-me aqui em cima, tão alto que consigo ver todas as coisas feias e toda a miséria da minha cidade, e apesar do meu coração ser feito de chumbo, não consigo deixar de chorar.»

«Então não é feito de ouro maciço?» disse a Andorinha para consigo. Ela era muito educada para fazer comentários pessoais em voz alta.

«Lá longe», continuou a estátua em voz baixa e melodiosa, «lá, longe, numa rua pequena, há uma casa pobre. Uma das janelas está aberta e através dela eu posso ver uma mulher sentada à mesa. Ela tem um rosto magro e fatigado, e tem as mãos rudes e vermelhas, todas picadas da agulha, pois é costureira. Ela está a bordar flores de paixão num vestido de cetim para a mais bela das damas de honor da Rainha vestir no próximo baile da Corte. Numa cama, ao canto do quarto, o seu filhinho está deitado, doente. Ele tem febre e está a pedir laranjas. A mãe não tem nada para lhe dar, a não ser água do rio e, por isso, ele está a chorar. Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, levas-lhe por favor, o rubi do cabo da minha espada? Os meus pés estão presos a este pedestal e eu não me posso mexer».

«Estão à minha espera no Egipto», disse a Andorinha. «Os meus amigos sobem e descem o Nilo e falam com as enormes flores de lótus. [...]

«Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «não queres ficar comigo por uma noite e ser a minha mensageira? O menino tem tanta sede e a mãe está tão triste!»

«Eu acho que não gosto de meninos», respondeu a Andorinha. «No Verão passado, quando eu estava ao pé do rio, apareceram dois meninos mal-educados, os filhos do moleiro, e passaram a vida a atirar-me pedras. É claro que nunca me acertaram; nós, as andorinhas, voamos muito bem para permitir que isso aconteça e, além disso, eu pertença a uma família famosa pela sua agilidade; mesmo assim, foi um sinal de desrespeito.»

Mas o Príncipe Feliz estava tão triste que a Andorinha teve pena dele. «Aqui está muito frio», disse ela; «mas eu vou ficar contigo por uma noite, e ser a tua mensageira.»

«Obrigado, pequena Andorinha», disse o Príncipe. E assim, a Andorinha tirou o enorme rubi da espada do Príncipe e voou com ele no bico por cima dos telhados da cidade.

Passou pela torre da catedral, onde estavam esculpidos anjos de mármore branco. Passou pelo palácio e ouviu o som do baile. [...] Passou pelo rio e viu as lanternas penduradas nos mastros dos navios. Passou pelo Bairro pobre e viu os Judeus velhos a regatearem uns com os outros e a pesar dinheiro em balanças de cobre. Finalmente, chegou à casa pobre e espreitou. O menino tossia febril na sua cama e a mãe tinha adormecido, pois estava muito cansada. Saltou lá para dentro e pousou o enorme rubi na mesa, ao lado do dedal da mulher. Depois voou devagar à volta da cama, provocando uma certa aragem com as asas para refrescar a fronte do menino.

«Que fresquinho», disse o menino, «devo estar a melhorar»; e caiu num sono delicioso.

Depois a Andorinha voou de volta para o Príncipe Feliz e contou-lhe o que tinha feito. «É curioso», notou ela, «sinto-me tão bem, agora, apesar de estar tanto frio.»

«Isso é porque fizeste uma boa ação», disse o Príncipe. E a pequena Andorinha começou a pensar e depois adormeceu. Pensar dava-lhe sempre sono. Quando o dia amanheceu, ela voou até ao rio e tomou um banho. [...]

«Esta noite vou para o Egipto», disse a Andorinha, e ficou satisfeita com tal ideia. Visitou todos os monumentos públicos e pousou, durante um bocado, no topo da torre da igreja. [...]

Quando a lua apareceu, ela voou para o Príncipe Feliz. «Tens alguma mensagem para o Egipto?» gritou ela; «eu vou agora mesmo.»

«Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «não queres ficar comigo só mais uma noite?»

«Estão à minha espera no Egipto», respondeu a Andorinha.[...]

«Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «lá longe, do outro lado da cidade, eu vejo um jovem num sótão. Ele está inclinado sobre uma secretária coberta de papéis e, a seu lado, num copo, está um ramo de violetas mortas. O seu cabelo é castanho e encaracolado, os seus lábios são vermelhos como uma romã, e ele tem olhos grandes e sonhadores. Está a tentar acabar uma peça para o Diretor do Teatro, mas está com muito frio e não consegue escrever mais. Não há chama na lareira e a fome deixou-o enfraquecido.»

«Eu ficarei contigo só mais esta noite», disse a Andorinha, que no fundo tinha um bom coração. «Levo-lhe outro rubi?»

«Ai! Eu não tenho mais rubis», disse o Príncipe, «só tenho os meus olhos. São safiras raras, trazidas da Índia há cem anos. Tira uma delas e leva-a. Ele vendê-la-á ao joalheiro e comprará comida e lenha para a lareira, e acabará a peça.»

«Querido Príncipe», disse a Andorinha, «eu não posso fazer isso»; e começou a chorar.

«Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «faz o que eu te digo.»

Então a Andorinha tirou um dos olhos do Príncipe e voou até ao sótão do estudante. Era muito fácil entrar, pois tinha um buraco no telhado. Passou através dele e entrou no quarto. O jovem tinha a cabeça enterrada nas mãos e por isso não ouviu o esvoaçar das asas do pássaro, e quando olhou para cima encontrou a linda safira nas violetas mortas.

«Começam a dar-me valor», gritou ele; «isto é de algum grande admirador. Agora posso acabar a minha peça», e ficou muito feliz.

No dia seguinte, a Andorinha voou até ao porto. Sentou-se num mastro de um navio enorme e observou os marinheiros puxando grandes caixas com cordas, do porão. «Puxem para cima!» gritavam uns para os outros quando as caixas subiam. «Eu vou para o Egipto!» gritou a Andorinha, mas ninguém lhe prestou atenção, e quando a lua apareceu voou de volta para o Príncipe Feliz.

«Vim para te dizer adeus», disse ela.

«Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «Não queres ficar comigo só mais uma noite?»

«É Inverno», respondeu a Andorinha, «e a fria neve não tarda a chegar. No Egipto, o Sol é quente nas palmeiras verdes e os crocodilos ficam na lama a olhar preguiçosamente à sua volta. [...] Querido Príncipe, eu tenho de te deixar, mas nunca te esquecerei, e na próxima Primavera trago-te duas lindas joias para o lugar daquelas que tu deste. O rubi será mais vermelho do que uma rosa vermelha, e a safira mais azul do que o magnífico mar.»

«Na praça, lá em baixo», disse o Príncipe Feliz, «está uma rapariguinha que vende fósforos. Ela deixou-os cair na sarjeta e eles estão todos estragados. O pai dela vai bater-lhe se ela não levar dinheiro para casa e ela está a chorar. Ela não tem sapatos, nem meias e a sua cabecita não tem nenhum agasalho. Tira o meu outro olho e vai dar-lho e, assim, o pai já não lhe baterá.»

«Eu ficarei contigo só mais esta noite», disse a Andorinha, «mas não posso tirar-te o teu olho. Assim, ficarás cego.»

«Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha», disse o Príncipe, «faz o que eu te digo.»

E assim, ela tirou o outro olho do Príncipe e partiu com ele. Desceu rapidamente e passou pela menina dos fósforos e deixou a joia na palma da sua mão.

«Que lindo bocadinho de vidro», gritou a menina; e correu para casa, rindo.

Depois a Andorinha voltou para o Príncipe. «Agora tu estás cego», disse ela, «por isso ficarei contigo para sempre.»

«Não, pequena Andorinha», disse o pobre Príncipe, «tu tens de ir para o Egipto.»

«Eu ficarei contigo para sempre», disse a Andorinha, e dormiu aos pés do Príncipe.

No dia seguinte, sentou-se no ombro do Príncipe todo o dia e contou-lhe histórias do que tinha visto em terras distantes. Falou-lhes das íbis, as aves que passam o tempo em longas filas nas margens do Nilo, e apanham peixe dourado com o bico; da Esfinge que é tão antiga como o mundo, vive no deserto e sabe tudo; falou-lhe dos mercadores que andam devagar ao lado dos seus camelos e levam contas de âmbar nas mãos; falou-lhe do Rei das Montanhas da Lua, que é negro como o ébano e adora um enorme cristal; falou-lhe de uma enorme cobra verde que dorme nas palmeiras e que tem vinte padres a alimentá-la com bolinhos de mel; e dos pigmeus que viajam em folhas, num grande lago, e estão sempre em guerra com as borboletas.

«Querida pequena Andorinha», disse o Príncipe, «tu falas-me de coisas de espantar, mas mais espantoso do que tudo isso é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há Mistério maior do que a Miséria. Pequena Andorinha, voa pela minha cidade, e conta-me o que vês.»

E assim, a Andorinha voou pela grande cidade e viu os ricos a divertirem-se nas suas lindas casas, enquanto os pedintes estavam sentados aos portões. Voou por becos e viu as caras pálidas das crianças que, cheias de fome, olhavam com indiferença para as ruas negras. Debaixo de um arco de ponte, estavam dois rapazinhos deitados, um nos braços do outro, a tentarem manter-se quentes. «Que fome que nós temos!» disseram eles. «Vocês não podem ficar aqui», berrou o Guarda Noturno e lá foram eles para a chuva.

Então, a Andorinha voou de volta e contou ao Príncipe o que tinha visto.

«Eu estou coberto de ouro maciço», disse o Príncipe, «tira-o, folha a folha, e dá-o aos meus pobres; os vivos acham que o ouro os faz sempre felizes.»

A Andorinha tirou o lindo ouro, folha a folha, até o Príncipe Feliz ficar cinzento e sem graça. Folha a folha, ela levou o ouro aos pobres e as faces das crianças tornaram-se mais rosadas, e elas riam e brincavam nas ruas. «Agora temos pão!» gritavam elas.

Então a neve chegou e depois o gelo. As ruas tão claras e brilhantes pareciam feitas de prata; longos pingentes de gelo que mais pareciam espadas de cristal, pendiam dos beirais das casas; toda a gente vestia casacos de peles e os rapazinhos vestiam capas escarlates e deslizavam no gelo.

A pobre Andorinha foi ficando cada vez com mais frio, mas não abandonou o Príncipe, pois gostava muito dele. Apanhava migalhas à porta do padeiro, quando este não via, e tentava manter-se quente, batendo as asas.

Mas por fim, percebeu que ia morrer. Só tinha forças para voar para o ombro do Príncipe, mais uma vez. «Adeus, querido Príncipe!» murmurou ela, «Deixas-me beijar a tua mão?»

«Fico contente por ires, finalmente, para o Egipto», pequena Andorinha», disse o Príncipe. «Já ficaste aqui muito tempo; mas tu deves beijar-me nos lábios, pois eu gosto muito de ti.»

«Não é para o Egipto que eu vou», disse a Andorinha. «Eu vou para a Casa da Morte. A Morte é a irmã do Sono, não é?»

E beijou o Príncipe nos lábios, e caiu morta aos seus pés.

Nesse momento, ouviu-se um barulho estranho, como se alguma coisa se tivesse partido dentro da estátua. A verdade é que o coração de chumbo tinha-se partido em dois. Estava um frio terrível.

Na manhã seguinte, bem cedo, o Prefeito andava a passear na Praça, na companhia dos Conselheiros da Cidade. Quando passavam pela coluna, ele olhou para a estátua. «Meu Deus! Que maltrapilho está o Príncipe Feliz!» disse ele.

«Realmente!» gritaram os Conselheiros, que concordavam sempre com o Prefeito, e foram para cima para olhar bem para a estátua. «O rubi caiu da espada, os olhos desapareceram, e ele já não é dourado», disse o Prefeito; na verdade, parece um mendigo!»

«Parece um mendigo», disseram os Conselheiros. «E até tem um pássaro morto aos pés!» continuou o Prefeito. [...]

E assim, deitaram abaixo a estátua do Príncipe Feliz. [...]

Depois, derreteram a estátua num forno, e o Prefeito convocou uma reunião com a Corporação para decidir o que fazer com o metal. «É claro que temos de ter outra estátua», disse, «e será uma estátua minha.» «Minha», disseram cada um dos Conselheiros da Cidade, e começaram a discutir. A última vez que eu ouvi falar deles, ainda estavam a discutir.

«Que coisa estranha!», disse o capataz dos trabalhadores da fundição. «Este coração de chumbo, partido, não derrete no forno. Vamos deitá-lo fora.» E, por isso, deitaram-no num monte de lixo onde já estava a Andorinha morta.

«Traz-me as duas coisas mais preciosas da cidade», disse Deus a um dos seus Anjos; e o Anjo levou-lhe o coração de chumbo e o pássaro morto.

«Escolheste bem», disse Deus, «pois no meu jardim do Paraíso, este pássaro cantará para sempre, e na minha cidade de ouro o Príncipe Feliz far-me-á companhia.»

Oscar Wilde, “O Príncipe Feliz”, (texto com supressões)

Orientações de gestão da leitura

Tendo sempre presente que, neste ciclo [1.º], a razão fundamental para a leitura do texto literário é a fruição pessoal, ele pode, no entanto, ser objeto de leitura orientada ou constituir-se como pretexto para a realização de atividades que o prolonguem ou o recriem.

Programa de Português do Ensino Básico, 2009, p. 65.

As crianças devem ouvir ler o adulto para se apropriarem de bons modelos de leitura: ler em voz alta às crianças fortalece os vínculos afetivos entre quem lê e quem ouve, estimula o prazer de ouvir, o prazer de imaginar, facilita a aquisição e o desenvolvimento da linguagem e faz emergir a vontade de querer aprender a ler.

idem, p. 63

Sugestões para a leitura da versão com supressões de “O Príncipe Feliz”:

1. A leitura completa da história é feita numa única sessão pelo professor, enquanto atividade de compreensão do oral que pode dar contributos para a formação estética e literária dos alunos. Só no final da leitura são fornecidas explicações sobre o vocabulário e colocadas questões sobre as ideias principais do texto.

2. A leitura, silenciosa e oral, é feita pelos alunos em 3 momentos/aulas distinto(a)s. Cada momento é seguido da explicação de vocabulário específico e de questões sobre as ideias principais das sequências narrativas lidas.

2.1 No primeiro momento, é lida a introdução da história e as sequências narrativas correspondentes ao encontro da Andorinha com o Príncipe Feliz e à primeira prova da Andorinha: adia a partida para o Egito; aceita ser mensageira do Príncipe; leva o rubi à costureira.

2.2 No segundo momento, é lida a sequência narrativa que inclui a segunda prova da Andorinha: volta a fazer planos de partida para o Egito; adia a partida; aceita ser mensageira do Príncipe levando uma safira ao escritor de peças de teatro (dramaturgo).

2.3 No terceiro momento, são lidas as restantes sequências narrativas até ao fim da história. Incluem a terceira prova da Andorinha, a sua decisão de não abandonar mais o Príncipe, a sua despedida e morte no Inverno, a destruição da estátua, a passagem do anjo na cidade e a sua recolha, na lixeira, do coração de chumbo do Príncipe e do pássaro morto, o desenlace da história, com o Príncipe Feliz e a Andorinha juntos para sempre no Paraíso.

No final da leitura – modalidade 1 ou 2 – com compreensão global da história, dá-se início à Sequência didática “Textos em círculo”.